vão

ARQUITETURA
www.vao.arq.br

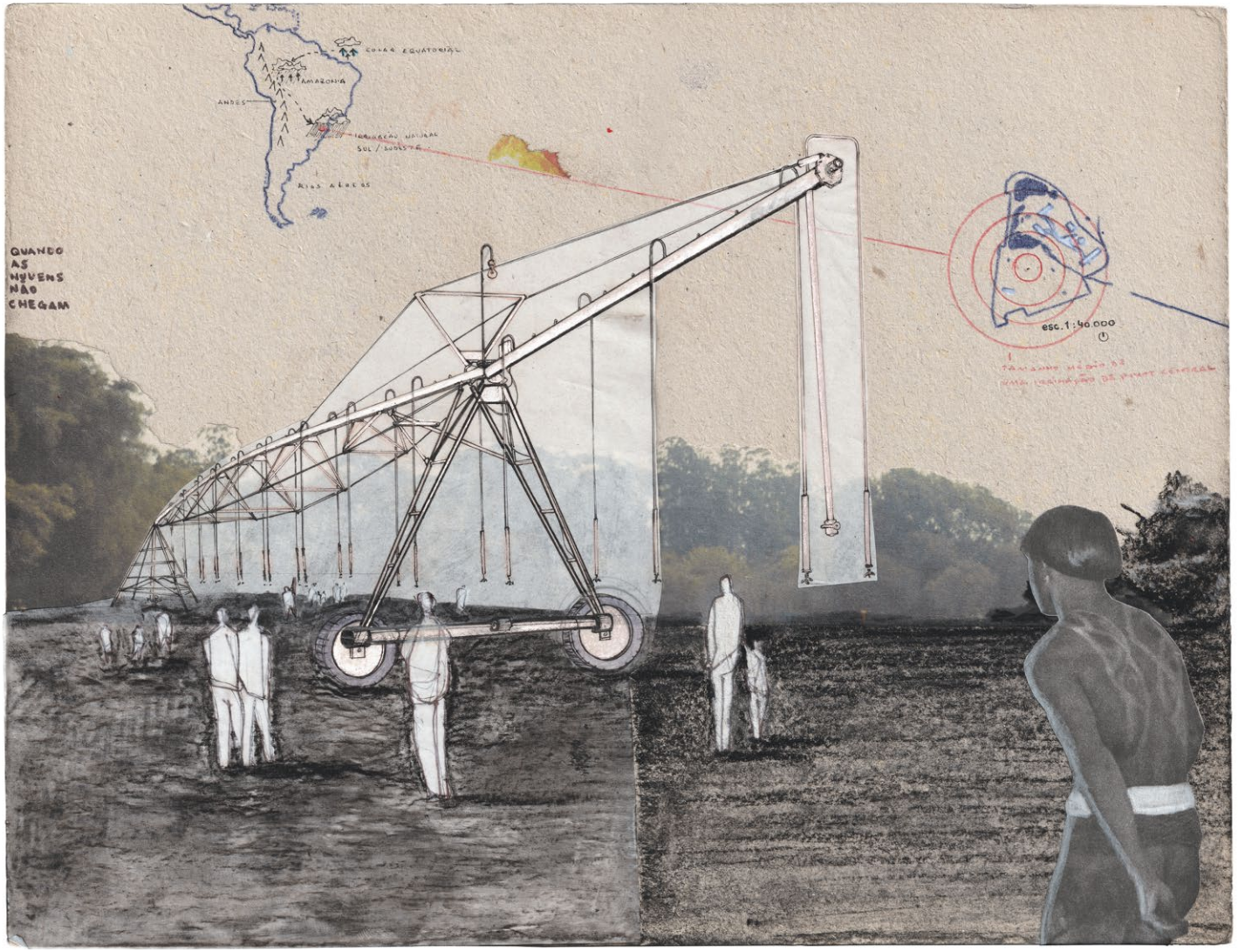
Anna Juni
Enk te Winkel
Gustavo Delonero

Portfolio

Quando as nuvens não chegam

Rua Catequese, 77
Butantã SP 05502 020

contato@vao.arq.br



Quando as nuvens não chegam

Local

Parque Ibirapuera
São Paulo, SP - Brasil

Ano

2020

Edital

10ª Mostra 3M de Arte

vão

ARQUITETURA
www.vao.arq.br

Memorial

Navegamos inconscientes entre rios cujos leitos nos são invisíveis. Sob os nossos pés, espessas camadas de concreto encobrem o movimento das águas e abafam o ‘y pu[1]. Estas barreiras físicas tem excluído os rios do imaginário coletivo de uma sociedade urbana referenciada sistematicamente por imagens.

Por que quando estamos diante à imagem de um gêiser[2], explodindo sua nuvem de água das profundezas da terra em direção ao céu, o processo da evaporação nos parece tão óbvio, e, ainda assim, somos plenamente incapazes de enxergar, através dos outros sentidos, os rios de vapor que flutuam sobre as nossas cabeças?

Os brancos são como formigas, disse o líder, escritor e xamã yanomami Davi Kopenawa. “Andam de um lado, viram de repente e continuam para o outro. Olham sempre para o chão e nunca veem o céu”[3]. O alienante cotidiano apartado da vida natural dirige nossa atenção para as questões imediatistas e de pequena escala. Talvez por essa razão, ou talvez por nossa necessidade de “ver para crer”, levamos anos de estudos científicos para comprovar algo que é tão nítido ao conhecimento empírico dos povos ancestrais.

‘Quando as nuvens não chegam’ é um alerta sobre a migração da umidade necessária à sobrevivência. A instalação propõe implementar, em meio ao Parque Ibirapuera, um objeto estranho à urbe: o irrigador de pivô central, amplamente utilizado pelo sistema agrário de monoculturas.

A instalação não é, contudo, uma crítica à ferramenta enquanto avanço da técnica. Sistemas de irrigação e canalização das águas estão presentes no desenvolvimento da história de vários povos - vide os famosos aquedutos-pontes greco-romanos ou os canais subterrâneos incas.

A questão aqui colocada trata da apropriação hegemônica do território pelo agronegócio, que tem avançado vorazmente sobre as florestas, com o intuito de transformar toda terra em espaço produtivo da mercadoria e aniquilar os modos de vida avessos à lógica do capital. Símbolos desse processo, os extensos exoesqueletos metálicos demarcam a franja de tensão entre o modelo desenvolvimentista e a floresta amazônica, foz de nossos rios aéreos, onde a terra não é mercadoria.

Do outro lado da disputa, em defesa da floresta, estão os povos indígenas e, não à toa, poucas horas após de sua posse, o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, lançou um decreto passando a demarcação de suas terras da FUNAI para o Ministério da Agricultura.

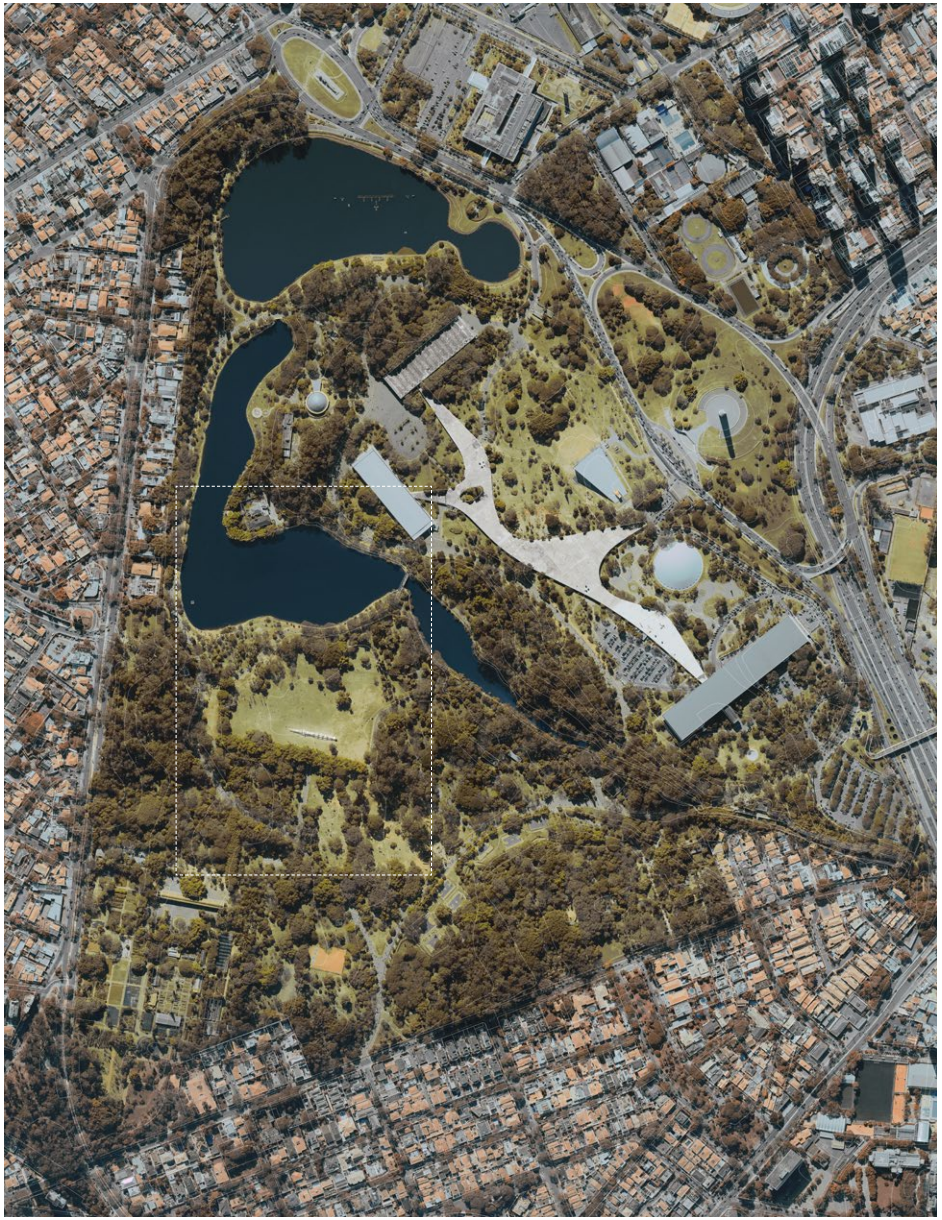
O debate ambiental tem de necessariamente perpassar pelo social e econômico. Por isso, ao pulverizar a água pelo parque, as mangueiras não estão apenas nos recordando da importância do ciclo da água para a preservação do nosso bioma. A presença do irrigador contrapõe a monocultura à cultura em sua pluralidade, a posse das terras à apropriação dos espaços públicos. Assim, abre os nossos olhos para o invisível, antes que outra nuvem cinzenta[4] de fuligem tenha que vir nos alertar novamente.

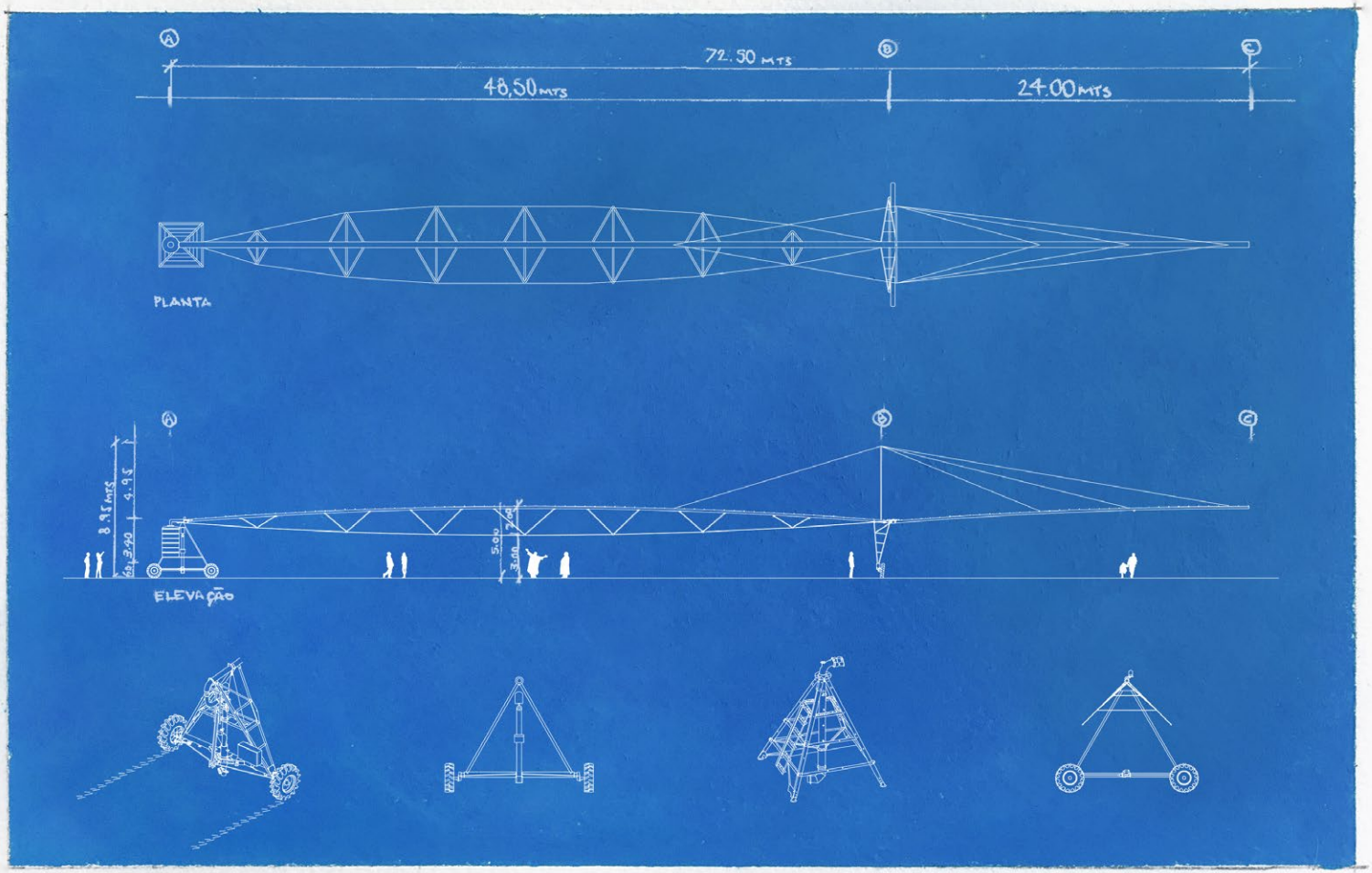
[1] A junção das palavras tupi ‘y (água, rio) e pu (barulho) significa algo como o som das águas, impossível de ser traduzida literalmente para a língua portuguesa.

[2] Gêiser é uma nascente termal, quando em erupção jorra jatos d’água e conforma nuvens. A palavra é islandesa e significa “fonte jorrante”. Países que possuem geisers: Chile, Estados Unidos, Islândia, Nova Zelândia e Rússia.

[3] Fala de Davi Kopenawa sobre os habitantes de Nova York, publicada na revista Newsweek em 29 de abril de 1991.

[4] Em 19 de agosto de 2019 o dia virou noite na cidade de São Paulo com a chegada de uma nuvem de fuligem dos incêndios florestais na Amazônia.





1. ELEVAÇÃO DO PIVO ARTICULADO

2. ELEVAÇÃO FRONTAL DO PIVO ARTICULADO

3. ISOMÉTRICA PIVO PIRAMIDAL FIXO

4. CORTE TRANSVERSAL DA ESTRUTURA